



CONSTITUIÇÃO DE *CORPUS* ANÁLISE DE CARTAS PESSOAIS DO SÉCULO XIX¹

Cláudia Pavan

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO

O objetivo deste trabalho é examinar as dificuldades encontradas para a constituição de um *corpus* adequado aos propósitos das pesquisas que se ocupam dos contatos linguísticos de épocas passadas e também mostrar alguns dos aspectos relevantes na análise de cartas pessoais do século XIX como documentos essenciais a esse tipo de pesquisa. Para exemplificar o processo, apresenta-se a análise de alguns dados relacionados ao contato linguístico entre o português e o alemão em cartas escritas por imigrantes alemães, em português, durante o século XIX, destacando ainda o contexto social e histórico no qual essas cartas foram produzidas. Como base para essa análise, serão utilizadas reflexões teóricas que conjugam contribuições interdisciplinares da Sociolinguística, da Dialectologia e da Geolinguística, uma vez que estas levam em conta os sujeitos em seu contexto histórico e social, bem como suas condições de produção - levando em conta que a correspondência pessoal caracteriza uma atividade linguística produtora de sentidos que evidencia a conduta e atuação do sujeito no tempo em que ele se insere.

Palavras-chave: Cartas pessoais do século XIX; Sociolinguística; Dialectologia; Geolinguística. Contato linguístico; Constituição de corpora.

ABSTRACT

The aim of this paper is to examine the difficulties encountered in the constitution of a corpus suitable for the purposes of research that deals with past linguistic contacts and also to show some of the relevant aspects in the analysis of personal letters of the nineteenth century as essential documents for this type of research. To exemplify the process, we present the analysis of some data related to the linguistic contact between Portuguese and German in letters written by German immigrants, in Portuguese, during the nineteenth century, highlighting also the social and historical context in which these letters were produced. As a basis for this analysis, theoretical reflections will be applied that combine interdisciplinary contributions of Sociolinguistics, Dialectology and Geolinguistics, since these take into account the subjects in their historical and social context as well as their conditions of production - taking into account that personal correspondence characterizes a linguistic activity producing meanings that highlights the conduct and performance of the subject in the time in which he is inserted.

Keywords: Personal letters of the 19th century. Sociolinguistics. Dialectology. Geolinguistics. Linguistic Contact. Corpora formation.

Cláudia Pavan é doutoranda do PPG-Letras da UFRGS.

E-mail: cp4v4n@gmail.com

¹ Este artigo surgiu a partir das pesquisas e discussões realizadas ao longo da disciplina intitulada “Tópicos de Linguística Histórica”, ministrada pela Profa. Dra. Valéria

Monaretto, a quem agradeço a inspiração que me acompanha ainda hoje nos meus estudos de doutorado.



INTRODUÇÃO

Através dos estudos interdisciplinares entre a Sociolinguística, a Dialetoлогия e a Geolinguística é possível acompanhar o percurso da língua sob a influência concreta do contexto social. Contudo, quando se pretende investigar aspectos linguísticos de séculos passados, como no recorte analisado neste artigo – a influência do alemão no português escrito por imigrantes e seus descendentes no século XIX – somente através da análise de documentos é possível fazê-lo. Paixão de Sousa (2006) afirma que:

Ao fazer a história das línguas, como ao fazer qualquer história, estamos abordando processos aos quais já não temos acesso direto. [...] Essa impossibilidade dos métodos de “observação imediata” deixa duas alternativas principais aos estudos históricos: o recurso à documentação, e o recurso à reconstrução (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 13).

Assim, a reconstrução linguística pode ser definida como um processo arqueológico no qual o pesquisador dedica-se a escavar sistematicamente vestígios de uma língua em busca de evidências que o auxiliem a reconstruir suas formas primordiais, estabelecendo macro-famílias ou troncos linguísticos, como no caso do indo-europeu, por exemplo. Tais processos de reconstrução oferecem importantes dados para a compreensão das línguas, especialmente de períodos históricos nos quais não há registros escritos. Contudo, como aponta Jolkesky (2010), é importante salientar que toda reconstrução visa à compreensão da estrutura e do funcionamento de estágios não atestados de sistemas linguísticos e deve ser considerada unicamente como hipótese.

Já a análise documental proporciona dados mais concretos para o estudo de variações linguísticas ocorridas em tempos passados, pois através da língua escrita é possível avaliar

essas variações, estudá-las e procurar compreender como, a partir de quando, em que contexto e por que ocorrem. Dessa forma, através da análise de documentos históricos, entre os quais as cartas pessoais, é possível, por exemplo, reconstruir dados sobre a língua, o que, de outro modo, não seria possível:

[...] O documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito freqüentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

A riqueza e o valor informativo da correspondência pessoal trocada entre sujeitos comuns é, portanto, de extrema relevância para os estudos que envolvem os contatos linguísticos e as variações decorrentes deles. Além dos aspectos culturais e sociais que podem ser revelados nesse tipo de documento escrito, é possível levantar dados sobre o estado de uma língua em um dado período e rastrear diacronicamente as mudanças e variações que sofreu. Labov (1994) observa que o linguista recorre à análise de documentos históricos partindo do pressuposto de que esses textos escritos registram etapas de um processo de mudança ou de que dão testemunho de formas existentes em uma determinada época e que permaneceram ou não em épocas posteriores.

Embora a ênfase dos estudos interdisciplinares entre a Sociolinguística, a Dialetoлогия e a Geolinguística recaia sobre a língua falada, devido à estreita relação entre esta e o contexto sócio-histórico dos falantes, nem sempre é possível realizar esse tipo de estudo em condições naturais de comunicação, pois, ao terem consciência de que estão sendo



estudadas, as pessoas invariavelmente param de se comportar e, conseqüentemente, de falar com naturalidade. Nesse sentido, Thun (2017) destaca o “paradoxo do observador”:

Não podemos prescindir do entrevistador em nossos levantamentos de dados linguísticos. De sua presença incômoda, porém necessária, depreendemos, a partir de Labov, duas conclusões. Em primeiro lugar, que existe um tipo principal de variação, que ocorre entre duas classes de variedades, das quais uma delas nos é completamente ou quase inacessível, devido à presença do pesquisador. Portanto, existe o perigo de não realizarmos a pesquisa dessa variação principal, uma vez que nossas entrevistas condicionadas não nos permitem reconhecê-la. Em segundo lugar, que essa variação surge entre variedades que não se equivalem em valor. Somos obrigados a concluir, a partir do que expõe Labov, que a fala produzida pelos informantes na ausência do observador – que ele denomina “vernacular” e que busca registrar através de uma série de técnicas refinadas de obtenção de dados — é considerada por ele mais valiosa do que a fala produzida na presença de um observador (THUN, 2017, p. 85).

Sob esse ponto de vista, podemos afirmar que a correspondência pessoal constitui um objeto de análise irreprovável, pois os autores das cartas, como as que serão exploradas adiante, não escreveram pensando que seriam analisados, escreveram simplesmente para se comunicar com pessoas próximas.

Altenhofen (2004, p. 141) ressalta que “nem sempre se tem dado o devido valor a

outras formas de dados que não os sonoros, obtidos através das entrevistas. Nossa experiência [...] tem mostrado a importância de estender o leque de possibilidades para outros tipos de dados”.

Outra questão que precisa ser considerada é a impossibilidade de realizar estudos a partir da reprodução da língua falada de sujeitos que viveram antes do século XX. Thomas Edison chegou a projetar, em 1877, um dispositivo para gravar e reproduzir sons, um fonógrafo.² Porém, além de se tratar de um dispositivo pouco funcional, devido às suas dimensões e ao seu manuseio, a qualidade do som também não era muito clara. Só em meados do século XX surgiram gravadores realmente funcionais³ e só a partir de então outras opções para registro e reprodução de sons tornaram-se, de fato, viáveis.

Assim, a correspondência pessoal constitui uma das formas mais adequadas de analisar, nos dias de hoje, o estado de uma língua utilizada em séculos passados e representa, portanto, na ausência da língua falada, a forma mais natural de representação linguística. Soma-se a isso o fato de que, ao escrever uma carta pessoal, o sujeito compartilha opiniões e emoções, relata suas frustrações e motivações, dá testemunho de detalhes próprios de sua sociedade e de sua época histórica sem inibições – o que talvez não fizesse em outra situação comunicativa – e isso amplia ainda mais a importância desse tipo de documento. A relação entre a língua e os aspectos referentes ao contexto social e histórico que a influenciam é inequívoca na correspondência pessoal.

A importância do contexto social e histórico presente nas cartas pessoais reflete-se também

² Dispositivo composto por um cilindro com pequenos sulcos recoberto por estanho com uma abertura na qual a voz emitida fazia vibrar uma agulha, que gravava os padrões sonoros nos sulcos do cilindro e depois reproduzia o som gravado. Os dados referentes ao fonógrafo foram obtidos no seguinte link da Wikipedia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fon%C3%B3grafo>.

³ O primeiro Magnetofone, que utilizava fitas cassete, foi desenvolvido pela AEG, na Alemanha, em 1935: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Magnetofone>. Contudo, as primeiras fitas cassete (K7) só foram lançadas no mercado em 1963 pela empresa holandesa Philips: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fita_cassete.



no fascínio que esses documentos exercem sobre as pessoas. Esse fato é facilmente comprovado pelo grande número de publicações constituídas de cartas pessoais. Como exemplo, podemos citar o volume *Cartas extraordinárias – A correspondência inesquecível de pessoas notáveis*, organizado por Shaun Usher e publicado no Brasil em 2014 pela editora Companhia das Letras. O livro inclui cartas de Albert Einstein, Dostoiévski, Virginia Woolf, entre outros. Ou ainda o volume *Cartas e relatos de imigrantes alemães*, organizado em 2011 pelo jornalista e escritor Felipe Kuhn Braun, que levou dez anos para compilar as cartas que aparecem nessa publicação.⁴

2 DEFINIÇÃO DE DOCUMENTO E FORMAS DE EDIÇÃO

Segundo o dicionário eletrônico Houaiss (2008), documento é um “texto ou qualquer objeto que se colige como prova de autenticidade de um fato e que constitui elemento de informação”. E no *dicionário de metodologia científica* (APPOLINÁRIO, 2009, p. 67) tem-se: “qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova. Incluem-se nesse universo os impressos, os manuscritos, os registros audiovisuais e sonoros, as imagens, entre outros”.

É oportuno que a noção de documento tenha sido ampliada e não se refira mais apenas a textos manuscritos. Além disso, é fundamental, para a pesquisa empírica, que contenha a noção de autenticidade, pois só assim é possível estabelecer dados confiáveis na realização de pesquisas científicas em qualquer área.

Entre os métodos teóricos utilizados para avaliar e garantir a autenticidade de um texto tem-se a Paleografia e a Diplomática. De acordo com Acioli, a Paleografia é:

A ciência que lê e interpreta as formas gráficas antigas, determina o tempo e lugar em que foi redigido o manuscrito, anota os erros que possa conter o mesmo, com o fim de fornecer subsídios à História, à Filologia, ao Direito e a outras ciências que tenham a escrita como fonte de conhecimento (ACIOLI apud ANDRADE, 2009, p. 150).

Já a *Diplomática* é definida da seguinte forma pelo dicionário eletrônico Houaiss (2008):

Substantivo feminino

- 1.ciência que tem por objeto os diplomas, cartas e outros documentos oficiais, para determinar sua autenticidade, sua integridade e época ou data em que foi feito;
 - 2.ciência e arte da leitura e decifração de diplomas e outros documentos antigos;
 - 3.estudo da história e das diversas formas dos documentos legais e administrativos.
- Etimologia: lat. medv. *diplomatica* “a arte relativa a documentos oficiais antigos”, por infl. do fr. *diplomatique* (1708) s. f. “ciência que tem por objeto o estudo crítico de documentos oficiais”, (1726) adj. “relativo aos diplomas que regem as relações internacionais”.

Nem sempre se tem acesso aos documentos originais e, muitas vezes, é preciso utilizar documentos transcritos. Em espaços como o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRs)⁵, realizam-se transcrições a pedido de pesquisadores. No entanto, as diretrizes para a realização de uma transcrição puramente diplomática raramente são observadas. De fato, o trabalho de uma transcrição diplomática é

⁴ Não foi possível usar esse livro em nossa análise porque não há cartas escritas em português pelos imigrantes. As cartas que constituem esse volume foram escritas em alemão e traduzidas por Braun.

⁵ Atualmente o AHRs não realiza mais esse tipo de atividade.



árduo e longo e sua realização pode representar um grande desafio.

No que diz respeito à edição de documentos, Berwanger e Leal (2008, p. 103) ressaltam que “toda edição de documentos deverá ser precedida de um texto preliminar em que se especificará o objetivo da publicação, remetendo-a, quanto aos critérios e convenções, para as Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos”.

A atenção a esse procedimento certamente torna o processo mais transparente, diminuindo o risco de levar o pesquisador a incorrer em falsas interpretações.

No AHRS, há coleções de livros que apresentam cartas de famílias ou compilações de documentos de um determinado período, como a coleção Varela, que traz documentos do período da Revolução Farroupilha (1835-1845). São livros historicamente muito interessantes, mas é possível listar pelo menos dois contratempos para a análise linguística necessária ao desenvolvimento da nossa pesquisa em particular: o primeiro é que não encontramos nesses livros cartas de imigrantes alemães, e o segundo é que a edição das cartas nessas coleções é interpretativa. De acordo com Emiliano (2002, p. 60),

A intervenção interpretativa apresenta um máximo de intervenções editoriais com o propósito de apresentar um texto facilmente legível a um leitor não especialista em questões filológicas ou linguísticas, ou a um linguista interessado em aspectos linguísticos para os quais a aparência gráfica original não é fundamental, como aspectos do léxico e da sintaxe.

A transcrição, realizada a partir de uma série de transliteração e formatação que modificam profundamente a “fisionomia” gráfica e grafêmica do texto, é feita de forma a permitir a apresentação do texto com uma aparência modernizada e regularizada, relativamente a certas convenções gráficas.

Dessa forma, não é possível analisar nesses documentos, por exemplo, desvios ortográficos que revelam interferências da pronúncia de falantes plurilíngues na escrita. Para isso, o ideal seria ter em mãos o original ou uma edição diplomática, pois, nesse tipo de edição, as características do documento original são preservadas ao máximo – a grafia é mantida sem que nenhuma correção seja feita, assim como a divisão de linhas e parágrafos, o alinhamento do texto e as abreviaturas. Contudo, o mais frequente, na pesquisa histórica, é a chamada edição semidiplomática, que permite, de maneira regulada, alguma interferência do transcritor e padroniza as formas de se referir a ocorrências no texto e em seu suporte.

3 CONSTITUIÇÃO DE CORPUS

Utiliza-se, neste artigo, a definição de *corpus* apresentada por Sinclair (apud BERBER SARDINHA, 2000, p. 336): “[corpus é] um corpo de linguagem natural (autêntica) que pode ser usado como base para pesquisa linguística”. Segundo Tarallo (1985, p. 20), “a representatividade do corpus (isto é, do material selecionado para análise) será sempre avaliada em função da variável estudada e com base nos objetivos centrais do estudo em questão”. No caso da análise de cartas pessoais, o pesquisador não tem como controlar os tópicos da interlocução, direcionando-a para que aborde as variáveis linguísticas que deseja estudar. Por isso, torna-se ainda mais importante a constituição de um *corpus* representativo, a partir do qual seja possível selecionar as variáveis de interesse de uma dada pesquisa.

Para a composição de um corpus representativo, que sirva de fonte para análises linguísticas, o ideal é encontrar cartas assinadas e datadas, que não tenham sido objeto de correção nem de atualização. Também é importante conhecer o autor das cartas, sua



origem, o contexto social em que vive, sua profissão, seu grau de instrução, etc. A definição e o conhecimento dessas características, que representam, entre outras, as dimensões diafásicas, diatópicas e diastráticas, é fundamental para que o pesquisador possa proceder a uma avaliação precisa dos dados do *corpus*.

A representatividade é uma das questões mais discutidas no que diz respeito à formação de um *corpus*. Mas o que exatamente significa um *corpus* “suficientemente representativo”? Normalmente a representatividade está associada à extensão. Sinclair (apud BERBER SARDINHA, 2000, p. 342) observa que, em termos simples, para ter representatividade, o *corpus* deve ser o maior possível. Berber Sardinha (2000) salienta ainda que a representatividade também está ligada à questão da probabilidade: “a linguagem tem caráter probabilístico e, sendo assim, há a possibilidade de estabelecer uma relação entre traços que são mais comuns e menos comuns em determinado contexto” (BERBER SARDINHA, 2000, p. 343).

A representatividade do *corpus* é uma das grandes dificuldades na seleção de cartas pessoais. Ao visitar o AHRs, local que apresenta um dos maiores acervos de correspondências pessoais para pesquisa em Porto Alegre, foi possível encontrar algumas poucas cartas escritas por prováveis imigrantes (ou descendentes) datadas e assinadas, mas sem que fosse possível determinar quem eram esses autores – se já haviam nascido no Brasil, qual seu grau de instrução, classe social, sexo, idade, etc. Outra peculiaridade do arquivo se refere à forma como os acervos pessoais são armazenados: embora haja um catálogo listando os acervos, não é especificado o que se encontra em cada um deles. Assim, pode-se encontrar, por exemplo, o acervo de documentos da *família Müller*, mas, só ao abri-lo, pode-se verificar que documentos são esses. Em muitos casos, há fotos, certidões,

mas nenhuma carta pessoal e a busca por esse tipo de documento precisa, então, ser retomada.

4 PERFIL SOCIOCULTURAL DOS AUTORES

Outro fator relevante na análise de cartas pessoais é o perfil dos autores. Lopes et al. (2010) ressaltam que a elaboração de um perfil sociocultural proporciona ao linguista um melhor entendimento dos condicionamentos sociais de um fenômeno linguístico variável. Contudo, os mesmos autores questionam se a ênfase não deveria recair mais sobre o contexto de produção do que sobre o indivíduo, já que,

Se assumirmos que *indivíduo* e *sociedade* são dois conceitos que estão intimamente imbricados, não sendo, portanto, dissociáveis, até que ponto faz sentido investigar os redatores apenas em termos de seus *perfis*? Em outras palavras, até que ponto a caracterização individual de um informante não é simultaneamente a caracterização do grupo do qual faz parte? (LOPES ET AL, 2010, p. 241 – grifos dos autores).

Possivelmente, o ideal seria poder relacionar as informações específicas do indivíduo com aquelas da comunidade da qual ele faz parte. Contudo, no contexto atual desse tipo de pesquisa, especialmente no Brasil, muitas vezes o que se tem é o conhecimento histórico a respeito de uma comunidade e é a partir daí que os estudos precisam ser elaborados. Como já afirmava Labov (1994, p. 11), é preciso colocar em prática “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”.

Ainda a respeito do perfil sociocultural dos autores, Tarallo (1985, p. 46) afirma que:

Tudo aquilo que serve de pretexto e co-texto à variável (isto é, tudo aquilo que não for estritamente linguístico) poderá ser relevante para a resolução de seu “caso”. A formalidade vs. a informalidade do discurso, o nível sócio-econômico do falante, sua escolaridade, faixa



etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores.

Levando em consideração as questões abordadas acima, optou-se por analisar algumas cartas escritas por integrantes da família Dockhorn, descendentes diretos de Johann Friedrich Dockhorn e Anna Juliana Tatsch Dockhorn, imigrantes alemães. Embora a condição da representatividade não seja suficiente para possibilitar conclusões mais definitivas, outras condições relevantes são concretizadas, oportunizando algumas reflexões importantes, como se verifica adiante. Todas as informações publicadas neste artigo constam do livro *Genealogia e história do imigrante JOHANN FRIEDRICH DOCKHORN (João Frederico) E SEUS DESCENDENTES 1825 - 1988*, de Avelino Dockhorn (1988).

Johann Dockhorn nasceu em Hettstedt, no distrito de Mansfeld-Südharz, localizado no estado da Saxônia-Anhalt. Ele saiu de Hamburgo, na Alemanha, em 19 de novembro de 1824, a bordo do transatlântico à vela Caroline, que chegou ao Rio de Janeiro em 5 de abril de 1825, trazendo 100 colonos e 160 soldados. Em maio de 1825, Dockhorn aparece registrado em São Leopoldo e em 1828 seu nome consta entre os fundadores da colônia de São José do Hortêncio, onde se estabeleceu como curtidor depois de se casar com Anna Juliana Tatsch em São Leopoldo no dia 10 de fevereiro de 1828.

É possível, portanto, verificar que Johann Friedrich Dockhorn fazia parte de uma das primeiras levas de colonos alemães a se estabelecer no sul do Brasil. Müller (2004) observa que o ano de 1824 representou um momento de grandes mudanças sociais e políticas no Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, pois antes desse período:

Temos a civilização portuguesa, por muitos chamada de açoriana, tendo o gado e toda gama de atividades decorrentes como centro de tudo. É o gaúcho, dono da campanha,

região de onde nunca saiu porque sua vida era o gado, e gado é criado no campo. “Depois” a civilização alemã marca presença e irá caracterizar boa parte do Rio Grande para sempre (MÜLLER, 2004, n. p.)

Além disso, também é importante levar em conta que a Alemanha, como país politicamente unificado, só viria a existir a partir de 1871 (NEUMANN, 2011). Até então, tratava-se de uma região de pequenos reinos, independentes um do outro. Por isso é grande, até hoje, a diversidade de dialetos falados naquele país e que, conseqüentemente, foram trazidos para o Brasil com os imigrantes. Altenhofen (2004, p. 139) relata que:

Dentre as diferentes variedades dialetais vindas com os imigrantes alemães a partir da primeira metade do século XIX, incluem-se as variedades de pomeranos (segundo maior grupo), menonitas, alemães-russos (Wolgadeutsche ou Deutschrussen) e, em menor número, vestfalianos, suábios, boêmios e bávaros. O hunrückisch aparece como a variedade dialetal de maior difusão, ao lado de uma série de outras variedades de fala de imigrantes europeus e asiáticos.

Essas características, juntamente com o contexto imigratório, conforme será demonstrado adiante, constituem informações relevantes e que devem ser consideradas quando se traça o perfil sócio-cultural dos autores de cartas pessoais.

5 CONTEXTO IMIGRATÓRIO E ANÁLISE DE CARTAS PESSOAIS DE IMIGRANTES ALEMÃES ESCRITAS NO SÉCULO XIX

A partir do século XIX a imigração europeia foi adotada pelo governo brasileiro em substituição ao tráfico de escravos com a finalidade principal de povoar as regiões fronteiriças consideradas “vazios



demográficos”⁶. Os motivos da emigração alemã, assim como as demais emigrações europeias, caracterizavam-se pelas indefinições e incertezas políticas, econômicas e culturais marcantes na Europa já desde o final do século XVIII.

Com relação às áreas colonizadas no Brasil, Luersen (2010) destaca que a maior parte das áreas colonizadas era de mata subtropical, isolada tanto geográfica quanto socialmente dos centros urbanos. Desse isolamento a que as colônias alemãs foram submetidas resultou a preservação das línguas alóctones e a consequente manutenção de situações de multilinguismo.

Segundo Costa (2007), os imigrantes alemães que chegaram no Brasil no início do século XIX vinham, em sua maioria, do meio rural e, antes da emigração, haviam sofrido as consequências da industrialização na Alemanha: o êxodo rural e a consequente dificuldade de especialização em atividades industriais levaram as pessoas a condições de vida cada vez mais precárias e muitas, a pobreza absoluta. A partir de 1848, também a perseguição política configurou um dos fatores da emigração.

Nesse contexto, a emigração não significava um movimento provisório. Muito pelo contrário, tratava-se de uma escolha

permanente: o novo país transformava-se em novo lar e, embora os imigrantes formassem núcleos bastante fechados e procurassem conservar sua cultura, sua identidade e sua língua, aos poucos as gerações seguintes foram sendo confrontadas com a noção de que adotar um novo lar significava também dominar a língua majoritária do país, embora isso não significasse abandonar sua língua e sua cultura. Nas cartas que analisaremos adiante, é possível perceber esse esforço por parte dos descendentes de imigrantes alemães.

*Genealogia e história do imigrante JOHANN FRIEDRICH DOCKHORN (João Frederico) E SEUS DESCENDENTES 1825 - 1988*⁷ foi escrito por Avelino Dockhorn, bisneto do imigrante. Trata-se de um livro de 502 páginas que apresenta a genealogia da família, além de algumas histórias, fotos, certidões e cartas. Dessas cartas, apenas 6 foram escritas em português, ainda no século XIX. Os originais delas estão reproduzidos no livro e isso, para a análise documental, é muito valioso, mesmo que a escrita cursiva utilizada pelos autores tenha, por vezes, dificultando a leitura do material.

A seguir, apresentamos a transcrição de duas cartas escritas em português por descendentes de Johann F. Dockhorn:

Carta 1

Santa Maria, 18 de Abril de 1897

Meos estimados,

paes,

Saúde em companhia atodos de casa e nossos

pertencentes é o que deej desejo lhes, por inquando eu por

a qui vou muito bem. Eu tenho resilido a sua amavel cartinha

que o senhor me escreveu do 25 mes pasado, e tinha me encontrado bem,

e com saúde, e o senhor me creveu que a minha irma está oito semanas

datuente, que ainda não tinha melhorado. Eu estimo muito bem que

⁶ Segundo Moreira, no ensaio *Vazios demográficos ou territórios indígenas?*, a expressão "vazio demográfico" não representa a realidade do Brasil na época do Império, pois as regiões assim consideradas possuíam, na verdade, uma expressiva população indígena: "Como em um passe de mágica, as exuberantes florestas habitadas

pelos índios tornaram-se, com a chegada do colono europeu, florestas vazias de gente, graças ao poder imagético do conceito de "vazios demográficos".

⁷ Depois de muito procurar, um exemplar desse livro foi encontrado em um sebo de Porto Alegre.



estas poucas mal critas linhas vão lhe encontra-lhes de saúde e melhorada. Por aqui vamos todos ainda muito bem, esaúdas de todos; e mal que eu pergunte se o Jorge Völgel siestabele-seu se na terra delle o se elle mudos-se para outro lugar. Eu ovir diser que elle está estabesito em ringão São Petro.

O senhor Julio vae macatjar no tia 18 deste mez corrente, e estás com vondade de mudar-se para o Arenal, E com sertesa eu vou ficar com esta loja que elle tem ainda em Santa Maria. O eu vou para outro lugar, eu já {ilegível} deste mez de Janeiro na escolla e tenho de pagar por mez dez milreis.

O seu

querido

estimado filho,

Carlos Dockhorn.

O pai de Carlos, Johann Nicolau Dockhorn, nasceu em 31 de agosto de 1849, em São José do Hortêncio, município de São Leopoldo, e em sua certidão de óbito consta que era lavrador; além disso, conforme mencionado no livro, era veterano da Guerra do Paraguai. Carlos Dockhorn nasceu em 11 de agosto de 1879 (ainda não havia completado 18 anos na época em que escreveu a carta transcrita acima) em Venâncio Aires e, como menciona na carta, trabalhava no comércio.

O que primeiramente chama atenção nessa carta foi o fato de que o autor escreve em português para os pais. É possível que se trate de uma forma de o sujeito demonstrar que está aprendendo, pois a carta em questão é uma resposta a outra, enviada pelo pai de Carlos em 25 de março de 1897 (em alemão), na qual este expressava sua preocupação com os estudos do filho: leitura, escrita e matemática. Apesar de não especificar na carta que se tratava da leitura e escrita em português, pode-se inferir que esse fosse o caso, já que o filho trabalhava no comércio e precisava dominar também o português e, como já mencionado anteriormente, esse domínio era importante para fazer do Brasil seu novo lar.

Além disso, a preocupação com o aprendizado do português remete à visão de

língua como entidade homogênea e determinante da perspectiva nacionalista que sempre marcou a história do país, mesmo antes do projeto de nacionalização imposto pelo Estado Novo:⁸

O Estado Português e, depois da independência, o Estado Brasileiro, tiveram por política, durante quase toda a história, impor o português como a única língua legítima, considerando-a “companheira do Império” (Fernão de Oliveira, na primeira gramática da língua portuguesa, em 1536[2]). A política lingüística do estado sempre foi a de reduzir o número de línguas, num processo de glotocídio (assassinato de línguas) através de deslocamento lingüístico, isto é, de sua substituição pela língua portuguesa[3]. A história lingüística do Brasil poderia ser contada pela seqüência de políticas lingüísticas homogeneizadoras e repressivas [...] (OLIVEIRA, 2004, p. 19).

Dessa forma, pode-se assumir que a pressão exercida por esse “projeto de glotocídio” se fazia presente na vida dos imigrantes e de seus descendentes, influenciando a formação de uma nova identidade, pois, como aponta Gaelzer (2011, p.

⁸ Estado Novo, ou Terceira República Brasileira, foi o regime ditatorial imposto por Getúlio Vargas, em 1937, que, entre outros, impunha o português como única

língua admitida no país. Para maiores informações, ver ALBINO (2004), OLIVEIRA (2004) e SEYFERTH (1981).



137), “a identidade não é estável, homogênea e acabada, está em constante movimento e é cheia de atravessamentos de discursos.” Mesmo que inicialmente os imigrantes tenham conseguido manter uma organização social que privilegiasse sua língua de origem, aos poucos foram confrontados com a necessidade de integração e sujeição ao projeto de língua homogênea e única defendido já no século XIX pelo governo e foram, assim, desenvolvendo uma nova identidade.

Enquanto em outros países o plurilinguismo é visto como uma forma de equilíbrio cultural, no Brasil ele sempre foi ignorado – desde o período da colonização. Isso ocorre não apenas na região sul, mas também nas outras regiões brasileiras, “sem falar em todas as variedades linguísticas indígenas que estão sendo aos poucos substituídas pela língua majoritária” (LUERSEN, 2010, p. 85). Portanto, o estudo das línguas minoritárias é importante não apenas do ponto de vista sociolinguístico e histórico, mas também do ponto de vista político, pois se faz necessário, ainda segundo Luersen (2010, p. 85), “desenvolver uma sociedade culturalmente sensível à variação e às variedades linguísticas”.

Um dos aspectos mais marcantes que se reflete na grafia da carta transcrita acima e que revela as interferências, no português, da variedade de alemão⁹ falada por Carlos, é o aspecto fonético. Nessa carta temos diversos exemplos que mostram como o autor troca as letras que correspondem aos respectivos fonemas surdos e sonoros:

[d] - [t]: inquando (enquanto), estabelesito (estabelecido), vondade (vontade), Petro (Pedro).

[g] - [k]: ringão (rincão).

Segundo Steffen (2013, p. 80),

Estas “trocas de letras”, no português, têm sua origem a) no sistema fonológico da variedade do hunsriqueano (onde a oposição entre surda e sonora não é fonológica) e b) em uma regra fonética (não categórica) que atinge o padrão silábico do hunsriqueano e o traço de sonoridade das várias consoantes (STEFFEN, 2013, p. 80).

Trata-se, segundo Altenhofen (1996), de uma regra de sonorização, segundo a qual, em posição pós-tônica e intervocálica, ocorre a sonorização de consoantes surdas. Já em posição inicial e final de palavra, bem como em posição inicial da sílaba tônica, ocorre geralmente a dessonorização da consoante. Contudo, o caráter facultativo, como aponta Altenhofen (1996), leva a uma grande variação entre alófonos surdos e sonoros em todas as posições silábicas.

Outro aspecto interessante nessa carta refere-se à vibrante final. Pauli (2001) observa que, no Hunsrückisch, o som [r], em final de sílaba, é normalmente apagado, confundindo-se com a vogal que o antecede, como em *Papier* – [pa'pia] – “papel”; *Schmier* – ['Jmia]. No exemplo aqui apresentado, contudo, acontece o contrário: ao escrever “Eu ovir diser que elle está estabelesito em ringão São Petro”, o autor coloca um *R* onde, na verdade, não deveria haver um. Talvez se trate de um caso de hipercorreção. Infelizmente não há, no *corpus* analisado, outras cartas que apresentem essa mesma particularidade para que possamos tirar conclusões mais definitivas.

Carta 2

Cruz Alta 11 de Abriº de 1899.

Estimado primo Carlos

Em primeiro lugar desejote saude e felicidades, juntos a todos que nos pertense, o quanto a minha é boa grasas a deus, aricibi a tua estimada

⁹ Segundo Steffen (2013), a variedade do alemão falada por esse grupo é o Hunsrückisch.



carta data 15 de Agosto, a qual deu-me grande satisfação em saber noticias tuas, e de meus parentes, eu aqui vou indo bem com a minha loja, serviso bastante, o Pedrinho não está mais trabalhando com migo, elle está em Santa Maria, trabalhando com o Snrº Luiz Dania, tu escreveste que ouviste dizer que o meu casamento não saiu, é facto, desisti em dezembro, porem com causa justa, assim é que de Santa Maria não sei[ilegível] te escrever nada, a quanto aqui os que nos pertence são todos bons, se eu poder este verão irei dar um passeio por lá, ahi podemos conversar melhor, assim termino estas poucas linhas com saudosas saudações a ao que nos pertence e a teus pais, e tu queras aseitar um abraço deste teu primo sobrescrito com estima e apresso
Altº Amigº o Obrº [?]
Fernando Martins Napp

O autor, Fernando Martins Napp, era filho dos imigrantes Maria Dorothea Dockhorn e Adam Napp e nasceu no Brasil em 1874. Tinha, portanto, em torno de 25 anos ao escrever a carta apresentada acima.

Nesse documento, é possível ressaltar outros aspectos que demonstram a influência do alemão no português como, por exemplo, a dificuldade na distinção entre os verbos ser e estar, mais especificamente a dificuldade de diferenciar entre “ser bom” e “estar bem”, já que no alemão um mesmo verbo – *sein* – desempenha a função tanto do verbo “ser” quanto do verbo “estar”:

[...] aqui os que nos
pertence são todos bons[...]

A expressão “os que nos pertence”, que também aparece no trecho acima, traz claramente a marca do alemão, pois o verbo equivalente a “pertencer”, na língua alemã, é *gehören* e pode-se afirmar que os membros de uma família são *die Angehörigen*. Portanto, nessa expressão – que se repete três vezes na carta – tem-se uma tradução quase literal daquela utilizada no alemão.

Outro dado muito interessante nessa carta diz respeito à utilização do grafema <s> em

“pertense”, “serviso”, “asim”, “paseio”, “aseitar”. Não se trata de desconhecimento do autor das grafias <ss>, <c> ou <ç>, pois todas elas também estão presentes no texto, embora nem sempre sejam utilizadas de maneira correta: “apresso”, “pertence”, “saudações”. É provável que a utilização inexata dos grafemas <s, ss, c, ç> esteja relacionada ao acesso insuficiente a textos escritos em português, dificultando a assimilação total dessas representações gráficas. No período da colonização, a instrução formal era organizada dentro das colônias pelos próprios imigrantes, que não recebiam qualquer apoio público (GAELZER, 2011). Isso, por um lado, permitia que conservassem a língua, os costumes e a cultura de sua terra natal; por outro, dificultava o contato com o português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cartas pessoais são testemunhos históricos intrinsecamente associados à vida cultural e social das pessoas e da comunidade a qual pertencem. As marcas de oralidade presentes nesse gênero discursivo são fundamentais e preciosas para o estudo sociolinguístico, tanto em seu aspecto histórico quanto variacionista. Na ausência da língua falada – como é o caso quando se pretende estudar variações na língua usada antes do século XX – a carta pessoal configura a forma mais natural de representação linguística. Além disso, na carta pessoal, o sujeito compartilha opiniões e emoções, relata suas frustrações e motivações, dá testemunho de detalhes próprios de sua sociedade e de sua época histórica, o que amplia ainda mais a importância desse tipo de documento, pois na correspondência pessoal é inequívoca a relação entre a língua e os aspectos referentes ao contexto social e histórico que a influenciam.

O levantamento de cartas antigas para a constituição de um *corpus* de análise nem sempre é uma tarefa fácil, pois, para a pesquisa



interdisciplinar entre a Sociolinguística, a Dialetoлогия e a Geolinguística, é necessário que esses documentos mantenham seu aspecto original, ou seja, sem correções ou modificações no conteúdo para não prejudicar o resultado da análise. Assim, o ideal é que o *corpus* selecionado passe por uma transcrição diplomática, o que significa um trabalho árduo e longo e nem sempre há condições ou pessoal suficientemente capacitado para realizá-lo. O objetivo principal na análise das cartas exibidas neste artigo foi o de apresentar documentos ricos em variações linguísticas que poderiam ter sido perdidas se tivéssemos de contar com uma edição interpretativa, como é tantas vezes o caso.

Procurou-se expor também como a compreensão das dimensões diafásicas, diatópicas e diastráticas, entre outras, é fundamental na análise variacional. As informações específicas do indivíduo, aliadas àquelas da comunidade da qual ele faz parte, constituem elementos valiosos para a interpretação dos dados recolhidos no *corpus* de estudo e a representatividade do *corpus*, embora seja uma questão relativa, é um dos elementos-chave para que se chegue a conclusões mais sólidas acerca do tema pesquisado, como objetivou-se demonstrar através da análise das cartas apresentadas acima.

Assim, tem-se a intenção de provocar uma reflexão sobre a importância da correspondência pessoal como documento indispensável para os estudos que se ocupam dos contatos linguísticos e sobre as questões que precisam ser consideradas a fim de que os pesquisadores possam alcançar resultados confiáveis e bem fundamentados nos estudos realizados com esses documentos.

REFERÊNCIAS

ALBINO, J. F. **A nacionalização no Estado Novo e a ameaça alemã. Um olhar em São**

Pedro de Alcântara (1937-1945). 2001. 128f. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/79453>. Acesso em 20 jun. 2019.

ALTENHOFEN, C. V. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen.** Franz Steiner Verlag, 1996.

ALTENHOFEN, C. A constituição do corpus para um "Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata". **Martius-Staden-Jahrbuch**, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004.

ANDRADE, E. A. Aspectos paleográficos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa** (online), n. 10-11, p. 149-172, São Paulo: 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59820/62929>. Acesso em: 20 jun. 2019.

AHRS. **Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.** Rua Sete de Setembro, 1020 – 2º andar, Centro – Porto Alegre – RS CEP: 90010-191.

APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico.** 1. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

BERBER SARDINHA, T. Linguística de corpus: histórico e problemática. **DELTA – Documentação de estudos em Linguística teórica aplicada**, v. 16, n. 2, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502000000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 jun. 2019.

BERWANGER, A. R.; LEAL, J. E. F. **Noções de Paleografia e Diplomática.** Santa Maria:



Centro de Ciências Sociais e Humanas – UFSM, 1991.

BRAUN, F. K. **Cartas e relatos de imigrantes alemães**. Felipe Kuhn Braun, 2011.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2009.

COSTA, C. G. Imigração alemã e fomicultura: a colônia de Santa Cruz (RS) no período imperial brasileiro. In: **Spartacus – Revista eletrônica dos discentes de História**. Santa Cruz dos Sul: UNISC, 2007. Disponível em: http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/costa_carlos_gabriel.pdf. Acesso em: 20 jun. 2019.

DOCKHORN, A. **Genealogia e história do imigrante Johann Friedrich Dockhorn (João Federico) e seus descendentes 1825-1988**. Porto Alegre: Editora Palotti, 1988.

EMILIANO, A. **Critérios e normas para transcrição e transliteração de textos medievais**. Lisboa: CLUNL, 2001 (revisto em 29/12/2002). Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/philologia/Normas1.0.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019.

GAELZER, V. A identidade do imigrante alemão: a língua, elemento simbólico de identificação. **Linguagem – Estudos e Pesquisas**, v. 15, n. 02, p. 137-158, jul/dez 2011. Disponível em: <file:///D:/Downloads/32420-136599-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2008.

JOLKESKY, M. P. V. **Reconstrução fonológica e lexical do proto-jê meridional**. 2010. 349f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <http://etnolingustica.wdfiles.com/local-->

files/tese:jolkesky-2010/jolkesky_2010.pdf. Acesso em: 18 jul. 2019.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Cambridge: Blackwell Publishers, v. 1, 1994.

LOPES, C. et al. Reflexões metodológicas para a análise sociocultural de redatores em corpora histórico. **Revista Gragoatá**, n. 29, p. 239-251. Niterói: 2010. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/174/158>. Acesso em: 20 jul. 2019.

LUERSEN, R. W. A situação de contato plurilíngue no sul do Brasil. **Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora**, n. 7, 70-87, Visconde de Araújo: 2010. Disponível em: http://www.fsma.edu.br/visoes/ed08/Edicao_8_artigo_4.pdf. Acesso em: 20 jul. 2019.

MOREIRA, V. M. L. Vazios demográficos ou territórios indígenas? **Dimensões – Revista de História da UFES**. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2332/1828>. Acesso em: 19 jul. 2019.

MÜLLER, T. L. **A propósito dos 180 anos**. Atualizado em 20 de agosto de 2016. Disponível em: <http://psdbchapadars.blogspot.com.br/2011/11/vem-ai-maior-festa-tipica-da-regiao.html>. Acesso em: 20 jul. 2019.

NEUMANN, G. R. A busca por um local? Uma literatura sem lugar definido no contexto brasileiro. **Revista Antares**, v. 03, n. 6, Caxias do Sul: jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. IN: SILVA, Fábio Lopes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (orgs.). **O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico**. Florianópolis: Insular, 2000.

OLIVEIRA, J. B. Contribuição do método comparativo para a determinação da existência



do indo-europeu. **Revista Philologus**, v. 3, n. 09, Rio de Janeiro: 1997. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/3\(9\)41-52.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/3(9)41-52.html). Acesso em: 19 jul. 2019.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Linguística Histórica*. In: PFEIFFER, C. C.; HORTA NUNES, J. **Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento**. Campinas: Pontes, 2006.

PAULI, V. S. **Interferência fonética de um dialeto alemão na expressão oral e escrita em português**. 2001. 146f. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/112150/181715.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 jul. 2019.

SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

STEFFEN, J. Aspectos históricos do contato linguístico entre o alemão e o português no sul do Brasil através de cartas antigas: interferências fonéticas no português dos imigrantes. **Revista de Letras Norte@mentos**. Ed. 12 – Estudos Linguísticos 2013/02. Disponível em: http://projetos.unemat.net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos. Acesso em: 20 jul. 2019.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/2856571/tarallo---a-pesquisa-sociolinguistica>. Acesso em: 17 jul. 2019.

THUN, H. Variação na interação entre informante e entrevistador. Trad. Cléo V. Altenhofen e Filipe Neckel. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, p. 82-107, jan/jun 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87178/50002>. Acesso em: 16 jun. 2019.

USHER, S. **Cartas extraordinárias – A correspondência inesquecível de pessoas notáveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

PAVAN, C. Constituição de corpus e análise de cartas pessoais do século XIX. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 6, p. 6-19, 2019.